

T 2 MAR 2023 | ENSAIO ABERTO

18h · OMT

REVOLUTION

(título provisório)



25 de ABRIL
PARA SEMPRE

ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
Gonçalo Guerreiro

Aviso às pessoas que passavam
ontem à frente da realidade

Ai... chamei um técnico para mudar o futuro
mas fiquei a olhar a hora parada
Tem a última versão do passado instalada?
Ai... chamei um técnico para mudar o futuro
mas percebia tão pouco de tecnologia
e essa ideia errada de democracia...
E o orçamento?
Levou-no o tempo o vento – tonto –
– de - novo?
como uma crise que vai vai e vem!
sob as multidões atiradas
p'ra frente e para trás

Não, não há ninguém
que nos livre destas enormes convulsões
(esta perene embriaguez da emoção)
Ai... percebo tão pouco do coração!...
O futuro tem que voltar a ser meu
levaram-me do sono enquanto dormia
e eu sonâmbula
nem vi
que o perdia...
O futuro deixou-se levar nos braços de alguém
Mas coisas são de quem as estima,
Não de quem as tem!

TIAGO ALVES COSTA IN REVOLUTION (TÍTULO PROVISÓRIO)

Teatrão

O Povo Unido

Águeda, Coimbra, Covilhã e Serpa são territórios – casas da d'Orfeu, Teatrão, ASTA e Baal17. Estas estruturas, todas com trabalho artístico, pedagógico e comunitário há mais de 20 anos, decidiram desafiar-se a uma coprodução que sozinhos não poderiam nem queriam fazer. Porque o desafio era conhecerem-se, trocarem processos e metodologias de trabalho e afirmar a importância da atividade artística descentralizada e enraizada que todos desenvolvem com os seus públicos. Era também revolver o presente para tentar encontrar nele algo dos 50 anos de Abril. Era também convocar o coletivo, encher o palco e os bastidores de força e energia e alegria e trabalho e esperança e camaradagem. Volvidos 50 anos precisamos de sorver Abril para encontrar um sentido para o caminho. E unidos temos menos probabilidades de sermos vencidos.

ASTA, BAAL17, D'ORFEU E TEATRÃO

A ASTA, a Baal17, a d'Orfeu AC e O Teatrão lançaram-me o desafio de criar um espectáculo /celebração dos 50 anos da revolução portuguesa do 25 de abril que refletisse sobre o exercício das democracias actuais usando como inspiração o pensamento filosófico de Daniel Innerarity. Em cena estariam dezasseis pessoas, entre actrizes, actores e intérpretes musicais. O resto era um mistério a desvendar pela subjectividade da minha imaginação, como eu tanto aprecio. Muito obrigado pela confiança.

A obra do filósofo Basco ajudou-me a definir uma criação que projectasse o futuro, que nos ajudasse a visualizar o destino a evitar e a não perder a esperança num povo unido a defender a liberdade. A principal ameaça das democracias contemporâneas é sem dúvida a simplicidade. Os partidos tradicionais deixaram de ter respostas para os problemas mais complexos e a extrema direita beneficia-se disso porque é apologeta da uniformidade, da simplificação e do infantilismo dos antagonismos que pretende implantar através de medidas autoritárias, xenófobas, machistas e violentas. Ao mesmo tempo, estamos a construir um mundo no qual existe um combate constante por chamar a atenção e onde o exercício político assume moldes altamente exibicionistas e oportunistas. Pondo em valor as propriedades pessoais do líder disfarça-se a complexidade governativa, recupera-se uma aparente inteligibilidade política e acentua-se o seu valor de entretenimento. Este sentido de distracção acabou por marcar toda a composição dramatúrgica do espectáculo e espero que reclame o sonho como matéria consciente de comedimento político.

“Revolution” é um título provisório porque talvez não seja necessária uma revolução hoje em dia, ou talvez não seja possível, ou as reformas que as democracias contemporâneas necessitem não se circunscrevam no termo “revolução”. Mas caso cheguemos à conclusão de que uma revolução é necessária, será melhor anunciar-lá em inglês para que o desejo seja global e transporte a esperança de um povo decididamente unido para vencer.

COCRIAÇÃO

ASTA
Teatro
COVILHÃ

Baal 17

SERPA

d'Orfeu
ÁGUEDA

Teatrão
COIMBRA

A minha prática artística baseia-se numa forte relação do corpo com o espaço e o objecto, em que o primeiro funciona como uma figura que necessita um fundo do qual se possa destacar, assumindo uma herança directa das artes visuais. O elemento fundador é sempre um dispositivo cenográfico habitado pelas referências espaciais onde os corpos possam existir. Dentro desta lógica estructural, a cenografia de *Revolution* (título provisório) surgiu motivada por todos os obstáculos presentes no quotidiano colectivo e em estreita relação com a noção de política-entretenimento: O espaço público inundado pelo privado, o político-aparência, as crescentes dificuldades na opção eleitoral, a falta de informação, o abismo e a humilhação social. Neste ponto estavam criadas as condições para que o texto pudesse surgir e integrar-se num todo ético e formal. Um texto com responsabilidades temáticas em formato poema e que não fosse convocado a assumir funções narrativas. Do diálogo entre as palavras e o contexto físico nasceu uma imagética que finalmente ganhou corpo, voz, som, cor e forma.

Foi com um enorme entusiasmo que uma vez mais tive a ocasião de trabalhar com a escrita do meu amigo Tiago Alves Costa. A mesma satisfação com que pela primeira vez guiei os gestos e os movimentos das actrizes e dos actores ao som das melodias do Artur Fernandes, que construí texturas com os figurinos da Filipa Malva e que descobri os segredos da cenografia ainda por revelar graças à iluminação do Pedro Fonseca.

Quero agradecer à Patrícia Lestre a mestria com que fez nascer as vozes cantadas das suas companheiras e companheiros em cena; e ao Fabrice Ziegler, incansável na pesquisa e construção dos adereços, nas provas incessantes de cor e numa generosa atitude em dar coerência estética a todo o conjunto teatral. Por último, um obrigado cheio de carinho a todo o elenco, um conjunto de pessoas fascinantes que tive junto a mim horas a fio nas salas de ensaio, criando, interpretando e ajudando-me a perceber o grau de pertinência das propostas que lhes fui fazendo, sempre com uma disponibilidade louvável e um compromisso exemplar. É o grupo que me faz acreditar na solidariedade, no futuro e no poder transformador da criação artística.

CONÇALO GUERREIRO – DRAMATURGIA, ENCENAÇÃO, CENOGRAFIA

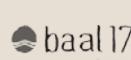
O autor escreve de acordo com a antiga ortografia

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO Tiago Alves Costa
ENCENAÇÃO, DRAMATURGIA E CENOGRAFIA:
Gonçalo Guerreiro
INTERPRETAÇÃO
Beatriz Mendes (trombone),
Carmo Póvoas Teixeira,
Carolina Carvalhais,
David Meco, Edmilson Gomes,
Eva Tiago, João Gomes,
Marco Ferreira,
Mónica Tavares,
Patrícia Lestre (ukelele, voz),
Rodrigo Neves (saxofones),
Rui Ramos, Sandra Serra,
Sérgio Novo, Sónia Sobral
(acordeão) e Teosson Chau
COMPOSIÇÃO ORIGINAL E DIREÇÃO MUSICAL
Artur Fernandes
DIREÇÃO VOCAL Patrícia Lestre
DESENHO DE LUZ E DIREÇÃO TÉCNICA
Pedro Fonseca
FIGURINOS Filipa Malva
ADEREÇOS Fabrice Ziegler
FOTOGRAFIA Fabrice Ziegler
e Ana Filipa Flores
GRAFISMO Paul Hardman
COMUNICAÇÃO Ana Filipa Flores,
Isabel Craveiro, Sandra Serra,
Rui Pires
CONSTRUÇÃO CENOGRAFIA
José Baltazar
OPERAÇÃO SOM Rui Oliveira
COORDENAÇÃO PRODUÇÃO
Isabel Craveiro
PRODUÇÃO EXECUTIVA
Helder Rafael Carvalho
DUR. 1h30min
CLASSIFICAÇÃO:
Maiores de 16 anos (contém nudez)
A ASTA, a Baal17, a d'Orfeu e o Teatrão
são estruturas financiadas pela
Direção-Geral das Artes

INFORMAÇÕES: AASTA.INFO | BAAL17.PT | DORFEU.PT | OTEATRAO.COM

Cocriação:



Estruturas financiadas e apoiadas por:



Apóio à produção:

